

## O CÓDIGO DE PONTUAÇÃO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA MASCULINA AO LONGO DOS TEMPOS

### MEN'S ARTISTIC GYMNASTICS CODE OF POINTS THROUGHOUT THE YEARS

Mauricio dos Santos de Oliveira\*  
Marco Antonio Coelho Bortoleto\*\*

---

#### RESUMO

A complexidade do regulamento e do processo de avaliação da Ginástica Artística (GA) exige um conhecimento profundo do Código de Pontuação (CP) por parte dos árbitros, técnicos e atletas com o objetivo de obter interpretações coerentes do mesmo. As mudanças que ocorrem frequentemente no CP, fazem com que este esporte se reestruture, se adapte e busque novas formas para manter sua eficiência competitiva. Este estudo busca analisar as principais mudanças do CP da Ginástica Artística Masculina (GAM) ao longo dos tempos mostrando como a Federação Internacional de Ginástica (FIG) tenta fornecer aos árbitros, técnicos e ginastas um documento que sirva de guia para o desenvolvimento das competições, para a preparação dos ginastas e para a construção dos exercícios em função das expectativas estéticas e técnicas de cada período. A presente investigação se caracterizou por uma pesquisa bibliográfica na qual a principal fonte de dados foram as edições do CP da GAM que são documento históricos e oficiais elaborados pela FIG. Concluímos que mesmo fundamentada na tradição, a GA busca atender as demandas inerentes dos avanços da modalidade buscando manter a eficiência competitiva através das mudanças nas regras demonstrando que a GA pode ser considerada uma prática esportiva em constante evolução.

**Palavras-chave:** Ginástica artística masculina; código de pontuação; dinâmica das regras.

---

#### INTRODUÇÃO

Como primeira modalidade ginástica incluída nas competições olímpicas da modernidade, concretamente desde a primeira edição em 1896, a GA tem se configurado como um dos esportes de maior tradição e prestígio no cenário internacional (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA, 1993).

Segundo Barbanti (2005), o objetivo do esporte moderno está relacionado a comparar rendimentos com critérios objetivos que permitam a padronização de equipamentos e com a existência de procedimentos quantitativos de comparação. Neste sentido, conforme Cagigal (1996), o esporte do nosso tempo está enormemente marcado pela regulamentação, onde a prática desportiva aparece como uma conduta regrada, padronizada e institucionalizada.

Sobre o assunto, Huizinga (1980) diz que cada esporte possui suas regras próprias e que formam um conjunto de proposições nas quais estão inseridas as condições e possibilidades de ação que os praticantes podem realizar. No caso da Ginástica Artística (GA), as regras são formuladas pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) através dos Comitês Técnicos masculino e feminino. O conjunto dessas regras forma o regulamento da GA, isto é, o Código de Pontuação (CP).

De acordo com Huizinga (1980), o regulamento possibilita que pessoas distintas, em lugares e momentos diferentes, possam disputar uma mesma prática esportiva em condições de igualdade. Isto permite a prática da modalidade em âmbito internacional segundo os critérios estabelecidos pelas organizações ou pessoas que a fomentaram (BORTOLETO, 2000).

---

\* Mestrando da Faculdade de Educação Física da UNICAMP e membro do grupo de estudos em Ginástica Geral FEF/UNICAMP.

\*\* Professor da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, líder do grupo de pesquisas de Ginástica Geral FEF/UNICAMP e membro do grupo de Estudos Praxiológicos do INEFC – Lleida/Espanha.

Bortoleto (2004) nos indica que para poder identificar o ganhador, seja ele um único atleta ou uma equipe, cada esporte estabelece uma forma distinta de pontuar. Lavega (1995) apud Bortoleto (2004), relata que o atleta deve alcançar a maior marca de pontuação possível, motivo pelo qual o sistema de pontuação exprime condições para todas as ações relacionadas entre os competidores envolvidos no sistema do jogo.

Ainda de acordo com Bortoleto (2004), esse sistema de pontuação é um mecanismo que estabelece quais serão os critérios para pontuação ou marca numa prática esportiva. Estas pontuações adquiridas pelos participantes ou equipes em uma determinada modalidade estão previstas no regulamento do jogo que direciona as decisões e comportamentos dos jogadores, neste caso, dos ginastas (PARLEBAS, 2001).

Sobre o sistema de pontuação, Parlebas (2001) afirma que a competição está associada ao rendimento e à eficácia esportiva as quais são por muitas vezes traduzidas em resultados numéricos. No caso da GA, o rendimento é registrado e comparado através de notas atribuídas aos exercícios (séries ou composições).

Deste modo, as regras representam, ou pretendem representar, o caráter objetivo da GA, o qual possibilita manter um padrão nas atividades e permite uma avaliação “precisa”, respaldada por um regulamento “claro” e específico (BORTOLETO, 2000). Contudo, não devemos nos esquecer do caráter subjetivo (artístico e com avaliação qualitativa) inerente a essa modalidade esportiva. Segundo Nunomura et al. (1999) o caráter subjetivo das avaliações dos exercícios de GA vem sendo foco de discussões e reflexões por parte dos comitês técnicos da FIG na regulamentação da modalidade desde sua origem. Talvez seja este um dos grandes atrativos e também, paradoxalmente, um dos grandes desafios enfrentados pela GA.

O conjunto de regras da GA é constantemente atualizado, visando acompanhar o desenvolvimento da modalidade. A importância do CP na evolução da modalidade pode ser entendida nas palavras de Roetzheim (1991), quando o autor relata que a força que

fornece direção à evolução da ginástica não são os técnicos, nem os árbitros ou os ginastas, mas sim o CP.

O CP pode ser dividido em três partes segundo Bortoleto (2004): a) funcionamento geral da GAM e normas de conduta para os ginastas, técnicos e árbitros; b) aspectos específicos do funcionamento de cada um dos aparelhos; e c) tabelas dos elementos nos distintos grupos estruturais e seus respectivos valores.

Para entender o CP é preciso conhecer cada uma destas partes sem perder a noção do todo, ou seja, dos pressupostos estéticos, éticos, políticos e econômicos que influenciam no seu conteúdo e no dinamismo do mesmo.

O objetivo deste artigo foi analisar as principais mudanças do CP da Ginástica Artística Masculina (GAM) ao longo dos anos através de um estudo bibliográfico na esperança de que os apontamentos levantados colaborem para uma análise deste processo de transformação da GAM. Nossas principais fontes de dados foram as edições do CP que são documentos históricos e oficiais da modalidade elaborados pela FIG. Também foram analisados livros, artigos e revistas especializadas na área da ginástica. Acreditamos que para compreender as mudanças que estão ocorrendo na atualidade é necessário compreender o processo histórico pelo qual o CP passou ao longo dos anos.

### **O PROCESSO DE MUDANÇAS DO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO**

O Código de Pontuação (CP) tem a tarefa de proporcionar a possibilidade de um julgamento objetivo e uniforme da ginástica olímpica no plano internacional, fomentar os conhecimentos e a capacidade dos juízes, servindo aos ginastas bem como aos treinadores como elemento auxiliar orientador no preparo para a competição e na elaboração de uma prova (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA, 1977, p. 7).

Nas primeiras competições de GA, desde 1886 até o período pós II Guerra Mundial, a modalidade utilizava um método subjetivo na

avaliação das séries, isto é, especialistas e personalidades eram chamadas para avaliar as apresentações a partir de seus critérios pessoais (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA, 1993).

Conforme Bortoleto (2000), neste período as performances eram avaliadas segundo um critério de “impressão geral”. Assim, os árbitros realizavam uma análise individual que era baseada em comparações das séries realizadas pelos ginastas gerando substanciais dúvidas sobre a imparcialidade e também sobre a capacidade dos mesmos de avaliar de forma coerente e uniforme dentro da comissão de arbitragem.

Após a II Guerra Mundial, ocorreram várias discussões devido às diferenças nos critérios e métodos de arbitragem e também na falta de uma regulamentação sobre os equipamentos utilizados durante as competições (SWEENEY, 1975).

De acordo com FIG (1993), os problemas ocorridos nos Jogos Olímpicos (JO) de Londres, em 1948, foram determinantes para que a FIG tomasse a atitude de formular um código de regras. Nessa ocasião, foram apontadas distorções nos julgamentos das séries dos ginastas gerando assim grandes diferenças nas pontuações e fazendo com que a competição fosse interrompida constantemente o que levou a vários protestos.

Na tentativa de evitar os problemas ocorridos anteriormente, foi elaborado o primeiro Código de Pontuação no ano de 1949. Nele, foram regularizados alguns fatores das competições de ginástica que deram uma uniformidade para o sistema de avaliação e de organização dos eventos. Este primeiro código foi utilizado no Campeonato Mundial (CM) de 1950 na Suíça e nos JO da Finlândia em 1952. Esta primeira versão do documento continha apenas 12 páginas e possuía critérios para o julgamento das apresentações nos seguintes aspectos: dificuldade, combinação e execução (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA, 1977).

O Comitê Técnico Masculino, conselho da FIG formado por especialistas na modalidade, também estabeleceu o número de quatro árbitros mais um árbitro-chefe para a banca de arbitragem e definiu que a nota final seria a

média das notas intermediárias, ou seja, a nota mais alta e a mais baixa seriam descartadas, para evitar erros significativos no julgamento.

Apesar de ter tido êxito, muitos aspectos das regras não haviam acompanhado a evolução da ginástica da época. Faltavam, por exemplo, critérios na avaliação de dificuldade das séries livres. Ou seja, o CP não havia satisfeito todas as necessidades. Deste modo, no ano de 1954, houve uma complementação da versão de 1949 e o CP passou a ter critérios para avaliar as dificuldades das séries livres. A partir deste período, periodicamente, o CP passou a ser complementado antes de cada grande evento (tais como JO e CM) acompanhando, assim, a evolução da ginástica de forma mais dinâmica.

Em 1956, ano dos JO de Melbourne, na Austrália, o CP passou a dividir os elementos ginásticos em categorias de dificuldade A, B e C, favorecendo dessa forma uma maior compreensão das combinações executadas pelos ginastas e de sua complexidade.

A elaboração do Código de Pontuação de 1964 e a realização do I Curso Intercontinental de Arbitragem influenciaram decisivamente no julgamento da ginástica, dado que esta edição do CP padronizou as nomenclaturas que existiam até este período (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA, 1993). Conforme estabelecido no CP (1964), o ginasta deveria executar 6 elementos A, 4 B e 1 C para atingir a nota de dificuldade de 3,40. A parte de combinação valia 1,60 e a execução 5,00, totalizando 10 pontos.

Na versão de 1968, não houve grandes modificações em relação a anterior a não ser por uma revisão da dificuldade dos elementos A, B e C. Lembramos que, ao classificar os elementos por ordem de dificuldade, o CP, além de buscar critérios objetivos para a avaliação, pretendia estabelecer uma forma de diferenciar as performances dos ginastas, favorecendo os mais eficazes (mais precisos) e os que executavam exercícios de maior dificuldade. Desde este momento, de forma implícita, o CP fomenta a busca pela dificuldade e da precisão que, combinadas, mostram controle, beleza e segurança. Segundo o CP (1968), a composição dos exercícios nos itens dificuldade, combinação e execução seguiam a mesma disposição do ciclo anterior.

Em 1971, foi lançado um complemento para o CP vigente na época e, no ano de 1976, ocorreram outras modificações significativas. Cabe destacar que todas as mudanças realizadas entre cada versão do CP foram vinculadas aos praticantes e técnicos através do Boletim Oficial da FIG, que é transmitido às federações nacionais. Os Boletins técnicos são vinculados, em sua maioria, em inglês, cabendo as federações realizarem a tradução e interpretação dos mesmos. Isso gerou, em muitos casos, dúvidas entre os árbitros, técnicos e ginastas.

No CP de 1976, foram estabelecidos novos valores para os critérios: dificuldade do exercício (3,40 pontos), combinação (1,60 pontos) e execução (4,40 pontos) chegando a um total da série de 9,40. Neste momento foi introduzida a bonificação de 0,2 para cada um dos seguintes fatores: risco, originalidade e virtuosismo. Essa resolução, segundo a Federação Internacional de Ginástica (1993), colocou fim às “escolas” que eram dadas pelos árbitros para diferenciar as séries dos ginastas. Na prova de salto, por exemplo, a nota de partida máxima era 9,8 sendo os dois décimos faltantes dados pela bonificação de virtuosismo. A nota máxima estabelecida foi de 10 pontos.

Nos anos seguintes, ocorreram mudanças a partir de discussões nos congressos técnicos realizados antes das grandes competições (CM e JO) e durante cursos de arbitragem intercontinentais. Essas mudanças complementaram o CP de 1976 que foi utilizado como base até o ano de 1984 nos JO de Los Angeles, nos Estados Unidos, sofrendo pequenas alterações.

O sexto ciclo do CP (1985-1988) foi marcado por inovações e mudanças que buscavam suprir as novas necessidades da modalidade. Cada ciclo do CP representa um período de quatro anos, que vai do primeiro ano após os JO até a edição seguinte. O sistema de ciclos teve início em 1964 sob influência do primeiro ciclo intercontinental de juízes realizado em Zurique na Suíça (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA, 1977).

Devido à evolução técnica da GA, no período anterior a 1985, os valores de dificuldade, combinação e execução foram alterados. A dificuldade passou a ser de, no máximo, 4 pontos, a combinação 1 ponto e a

execução passou a 4,40 pontos. A nota de partida continuou a ter o mesmo valor do código anterior (10 pontos), porém com uma distribuição diferente. Também ocorreu uma revisão nos elementos A, B e C sendo introduzidos os elementos de dificuldade D.

As novidades do CP do ciclo 1989-1992 foram: a adoção de nova numeração e novos valores para os diferentes tipos de salto sobre o cavalo; introdução de uma melhor classificação para as falhas de execução; e uma melhor ordenação dos elementos. A padronização através da melhor classificação da falhas tornou a avaliação da execução mais objetiva, ou pelo menos, com valores mais específicos.

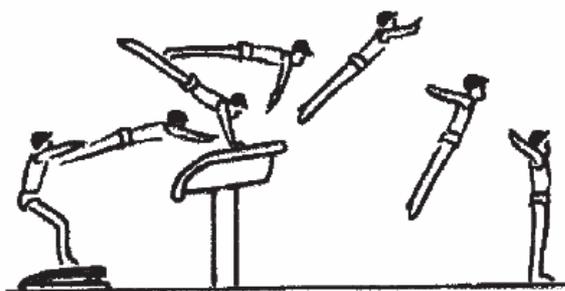
A edição seguinte do CP, o primeiro a ser editado em três línguas (inglês, francês e alemão) e vigente no ciclo 1993-1996, foi marcado pela abolição das bonificações por virtuosismo, originalidade e risco nas séries livres sendo as bonificações agora apenas para os exercícios de grande dificuldade. Houve alterações nos elementos A, B, C e D e a inclusão dos elementos de dificuldade E. A redução e a melhor sistematização da tabela de classificação das falhas, proposta no ciclo anterior, também foi um fator importante nesta edição do CP, assim como a adoção de exigências de dificuldades iguais para todas as competições. No período anterior, as exigências de dificuldade variavam nas competições por equipes e individuais.

Outra alteração significativa foi a divisão da arbitragem em bancas A e B, sendo coordenados e supervisionados pelo árbitro-chefe e pelo assistente técnico. Essa divisão da banca de arbitragem possibilitou que as tarefas fossem divididas da seguinte maneira: a banca A ficou responsável pela nota de partida em que são considerados os valores dos exercícios, das exigências e as bonificações, enquanto a banca B ficou com a tarefa de fazer as deduções de execução técnica e postural. Segundo Nunomura et al. (1999) essa divisão na banca de arbitragem veio para facilitar a tarefa no julgamento das séries.

De acordo com a Federação Internacional de Ginástica (1993), muitas mudanças deixaram de ser incluídas nesse momento por serem consideradas muito radicais para serem implantadas de imediato, sem que houvesse

experiências práticas, e acabaram sendo postergadas para um próximo momento. A Federação Internacional de Ginástica, além de discutir cada uma das propostas para mudanças no CP, costuma utilizar algumas “competições-teste” para experimentar tais mudanças antes de implementá-las.

Foi no CP 1997-2000 que vieram à tona algumas das mudanças consideradas mais significativas para este esporte nas últimas décadas. Neste período, foram eliminados das competições os exercícios obrigatórios que eram utilizados desde as primeiras competições de ginástica. A partir desse momento, as competições deixaram de ter na fase de classificação esses exercícios, também conhecidos como compulsórios, passando a haver apenas os exercícios livres (Figura 1).



**Figura 1** – O salto peixe foi obrigatório nos JO de Atlanta, 1996, sendo realizado por todos os ginastas masculinos na Competição I classificatória.

Fonte: Adaptado da Federação Internacional de Ginástica (2009).

As exigências de dificuldades não foram alteradas em relação ao ciclo anterior. De acordo com a Federação Internacional de Ginástica (1997), as séries necessitavam de quatro elementos A, três B, dois C e um elemento D chegando a um total de 2,40 pontos na nota de dificuldade. As exigências especiais, que eram no total de três em cada aparelho, continuaram a valer 1,20 pontos e as bonificações passaram a valer 1,40 (o valor anterior era de 1,00 ponto). A nota de apresentação que era de 5,40 passou a ser de 5,00, totalizando o valor máximo da série em 10 pontos.

Esta versão também eliminou a bonificação no salto sobre o cavalo que anteriormente podia ser dada quando o ginasta havia executado um

salto com uma altura extrema e uma distância além do comum. Além disso, passaram a existir saltos com valor 10. A Federação Internacional de Ginástica também criou a categoria dos elementos Super E para valorizar os exercícios de maior grau de dificuldade.

Já no CP que entrou em vigor no ano de 2001, outras mudanças inovadoras para este esporte foram tomadas, sendo a principal delas o uso da mesa de salto que veio para substituir o cavalo de salto. A mesa aumentou a superfície de contato e a eficiência da repulsão dos ginastas nesta prova, além de proporcionar uma maior segurança dos mesmos (BORTOLETO, 2004).

Com essa mudança, a prova de salto ganhou uma nova dimensão por possibilitar um avanço no grau de dificuldade com o qual os ginastas executariam os exercícios com mais altura e, portanto, maior tempo de vôo para realizar rotações e com uma segurança maior. Saltos com apoio de apenas uma das mãos passam a ser proibidos e punidos com a nota zero.

Os requisitos de dificuldade também foram alterados. Para cumprir com as exigências de dificuldade, uma série passou a necessitar de quatro elementos A, três B e três C. O total do valor das exigências de dificuldade passou a ser de 2,80 pontos. Os pontos de bonificação caíram de 1,40 para 1,20 e continuam a seguir os mesmos critérios do código anterior.

Este novo código também alterou as exigências especiais. No ciclo anterior, por exemplo, as exigências especiais eram de três em cada aparelho, com exceção da prova de salto que segue outro critério. Com o novo código, passaram a existir cinco exigências em cada aparelho com um total de 1,0 ponto. A nota de execução continuou sendo 5,00 pontos e o valor máximo da nota de partida permaneceu em 10 pontos.

Outra mudança inovadora foi a eliminação da possibilidade de repetir um mesmo exercício e conseguir incluir o valor dele na nota de partida. Deste modo, quando executado pela segunda vez o elemento não poderia ser considerado pela banca A na contagem da nota de partida. Essa regra também passou a valer para elementos pertencentes ao mesmo quadrante no CP. Exemplo: mortal twist grupado e mortal twist carpado. Apesar de serem

elementos diferentes (com estrutura similar), por estarem no mesmo quadrante a partir deste ciclo do CP, não poderiam ser executados numa mesma série para a contagem da nota de partida (Figura 2). Com essa resolução, o CP buscava

aumentar a diversidade de elementos que compõe um exercício impedindo, assim, que ginastas com facilidade em certas técnicas tenham vantagem ou que apenas utilizem tais elementos.

A = 0,10		B = 0,20		C = 0,30		D = 0,40		E = 0,50		F = 0,60	
GRUPO DE ELEM. IV: Part. acrob. lat. et autres sauts avec ½ t. saltos av. o arr. - Acr. el. sws. & others jumps w. ½ t. to saitos bwd and fwd. - Elem. acr. lat. y otros mort. c. ½ g. a mort. ad. y at.											
1. Saut en air avec ½ t. et saut de poisson Jump/bwd with ½ t. and fish Salto at. con ½ g. y sigra	2. Saut en air avec ½ t. et saut de poisson Jump/bwd with ½ t. and fish Salto at. con ½ g. y sigra	3. Saut en air avec ½ t. et saut de poisson Jump/bwd with ½ t. and fish Salto at. con ½ g. y sigra	4.	5.	6.	7. Saut en air avec ½ t. et renversement avant Jump/bwd with ½ t. to handspring forward Salto at. con ½ g. y pakoma	8. Saut en air avec ½ t. et saut av. gr. ou cr. Jump/bwd with ½ t. to sauto fwd. f. or cr. Salto at. con ½ g. y mortal ad. agr. o carp.	9.	10. Saut en air avec ½ t. et dbi. sauto av. gr. Jump/bwd with ½ t. to dbi. sauto fwd. f. Salto at. con ½ g. y doble mortal ad. agr.	11. Saut en air avec ½ t. et dbi. sauto av. cr. Jump/bwd with ½ t. to dbi. sauto fwd. p. Salto at. con ½ g. y doble mortal ad. carp.	12. Saut en air avec ½ t. et dbi. sauto av. tendu. Jump/bwd with ½ t. to dbi. sauto fwd. stretched Salto at. con ½ g. y doble mortal ad. estendido (Tawaya)
13.	14. Saut en air avec ½ t. et sauto av. tendu. Jump/bwd with ½ t. to sauto fwd. stretched Salto at. con ½ g. y mortal ad. est.	15.	16. Saut en air avec ½ t. et dbi. sauto av. gr. av. 1/2 t. Jump/bwd with ½ t. to dbi. sauto fwd. f. av. 1/2 t. Salto at. con ½ g. y doble mortal ad. con ½ g.	17. Saut en air avec ½ t. et dbi. sauto av. cr. 1/2 t. Jump/bwd with ½ t. to dbi. sauto fwd. p. av. 1/2 t. Salto at. con ½ g. y doble mortal ad. con ½ g.	18. Saut en air avec ½ t. et dbi. sauto av. cr. 1/2 t. Jump/bwd with ½ t. to dbi. sauto fwd. p. av. 1/2 t. Salto at. con ½ g. y doble mortal ad. con ½ g. (Hypolite)	19.	20. Saut en air avec ½ t. et sauto av. gr. ou cr. à l'appui couché/faciale Jump/bwd with ½ t. to sauto fwd. f. or cr. to face Salto at. con ½ g. y mortal ad. agr. o carp. also acostado/facil	21. Saut en air avec ½ t. et 3/2 sauto av. gr. ou cr. Jump/bwd with ½ t. to 3/2 sauto fwd. f. or cr. Salto at. con ½ g. y 3/2 mortal ad. agr. o carp.	22. Saut en air avec ½ t. et 3/2 sauto av. tendu. Jump/bwd with ½ t. to 3/2 sauto fwd. stretched Spgr. av. m. ½ Cr. u. 3/2 Salto av. getrechd (Wu Guonian)	23.	24.

**Figura 2** -Exemplo da ordenação dos elementos em quadrantes no CP. Em destaque, o exemplo supracitado dos elementos twist grupado e carpado.

Fonte: Federação Internacional de Ginástica (2009, p. 49).

Apesar de buscar a diversidade nas apresentações, a eliminação de vários elementos do CP ao longo dos anos diminuiu significativamente o repertório dos ginastas nos diferentes aparelhos. Podemos citar como exemplo a diminuição dos elementos de saída da barra fixa. No ciclo 1997-2000 o número de elementos de saída era de 48 passando para 32 no ciclo 2001-2004, esse fato conduz os ginastas a eleição dos mesmos elementos, os mais fáceis e que possuem um valor maior e assim, retornando a “monotonia” das séries obrigatórias.

Seguramente, as alterações ocorridas neste ciclo influenciaram de forma significativa algumas características desse esporte. Os ginastas foram mais uma vez desafiados a mudar as séries se adaptando às novas regras. Isso quer dizer que, a cada nova versão do CP, todos os implicados precisam reciclar sua forma de

atuação, ao contrário de outros esportes cujas regras não se modificam constantemente. Essa dinâmica do CP faz com que o primeiro ano de implementação da nova edição do código seja sempre complicado, pois sempre restarão dúvidas sobre as novas diretrizes da modalidade. Fink (1993) chama a atenção para essa questão ao relatar a dificuldade que os técnicos possuem com as frequentes mudanças frente à subjetividade e ambiguidade de algumas regras contidas no CP.

Nesse ciclo 2001-2004, os árbitros das competições masculinas passaram a ter que descrever as séries utilizando a simbologia dos elementos (Tabela 1), assim como na arbitragem feminina, que já adotava esse método anteriormente. Trata-se de um sistema de linguagem através de símbolos que representam os elementos executados pelos ginastas.

**Tabela 1** - Exemplos da simbologia dos elementos da GA masculina.

Elementos	Símbolos
Estrela	
Rodante	
Flic Flac	
Reversão	
Mortal para frente	
Mortal para trás	

Fonte: Federação Internacional de Ginástica (2009, p. 142)

Segundo a Federação Internacional de Ginástica (2001), o objetivo da adoção da simbologia é melhorar a comunicação entre árbitros, ginastas e treinadores quebrando as barreiras da linguagem tradicional e assegurando uma avaliação justa. A transcrição dos exercícios garantiria que o árbitro avaliasse o exercício de forma adequada possibilitando uma consulta tardia caso surgisse algum conflito entre as notas dos árbitros que superasse a margem estabelecida pelo CP. Na atualidade, as grandes competições obrigam os ginastas a realizar o treinamento de “pódio”, momento em que os juízes analisam e registram os exercícios dos ginastas.

Seguindo a evolução que vinha ocorrendo com os dois ciclos anteriores, o CP que entrou em vigor no ano de 2006 veio para completar o processo iniciado de forma significativa com o fim dos exercícios obrigatórios no ciclo 1997-2000. Na sequência, houve a mudança na prova de salto no ciclo seguinte, bem como as mudanças nas composições das exigências das séries durante ambos os ciclos. No ano de 2005 foi utilizado um CP provisório e, enfim, foi implementada a versão de 2006.

Esta versão do CP teve o objetivo de promover um julgamento mais objetivo e, ao mesmo tempo, privilegiar os ginastas que executam um alto grau de dificuldade. Apesar disso, sabemos que a objetividade absoluta é impossível e que a interpretação do texto do CP é tão complexa que constantemente são emitidas notas oficiais da FIG que procuram esclarecer dúvidas ou definir critérios para interpretação das regras.

Uma das preocupações da Federação Internacional de Ginástica é melhorar a valorização objetiva dos ginastas. Segundo Smoleuskiy e Gaverdouskiy (1997), por muitos anos vem sendo utilizado um método subjetivo da valorização dos líderes que são praticamente iguais na sua maestria. Na busca por diferenciar esses atletas, o “código aberto” valorizou de forma mais eficiente os atletas que, além de possuírem uma maestria técnica, executam elementos de grande dificuldade. Com isso, o CP conseguiu diferenciar melhor os ginastas durante as competições. Utilizamos o termo “código aberto” para referir ao não estabelecimento de uma nota máxima fixa.

O novo código também eliminou uma das grandes marcas da GA que era a nota 10. Este código possibilitou aos ginastas executarem séries que possuísem notas de partida maiores que 10 pontos colocando fim a almejada nota da perfeição que foi eternizada por ginastas como Nadia Comaneci (Romênia) e Dmitri Bilozerchev (ex-União Soviética).

Tais mudanças geram certa confusão entre os expectadores que não estão acostumados com o esporte (POWELL, 2006; MALONEY, 2007). Antigamente, os expectadores se guiavam durante a competição com o raciocínio de que as notas próximas ao dez eram boas e notas abaixo de 9 eram consideradas ruins. Com o código aberto é difícil ter um parâmetro porque as notas podem variar muito entre os ginastas e também nos diferentes aparelhos.

Houve muitos protestos com relação ao fim da nota dez (MACUR, 2008; OLIVEIRA, 2008; ROMANO, 2008). Muitos ginastas e treinadores fizeram questão de enviar manifestos à FIG contra o fim da nota que durante muitos anos foi o marco da perfeição na ginástica.

Além do fim da nota 10, alguns treinadores e ginastas temem que as mudanças que favorecem os elementos de alta dificuldade podem gerar um número maior de lesões, deixando a perfeição da execução em segundo plano. Porém, ainda não houve tempo para observar tais consequências.

O CP 2006-2008 reavaliou os elementos nas suas determinadas categorias, eliminando os elementos Super E e incluindo uma nova categoria de elementos F de dificuldade.

Os elementos F são os exercícios de maior dificuldade e possuem o valor de 0,6 e gradativamente os exercícios de menor dificuldade recebem valores menores sendo o valor dos elementos A de 0,1 pontos.

Com relação a arbitragem, o novo código continua dividindo os árbitros em duas bancas (A, B) sendo uma responsável pela nota de execução (B) e outra responsável pela nota de dificuldade (A).

Segundo a Federação Internacional de Ginástica (2007a), o ginasta parte de 10 pontos na nota de execução, quando cumpre com o número mínimo de 7 elementos, e a partir dessa nota são deduzidas as falhas cometidas pelo atleta. O júri B continua responsável por avaliar a parte artística, a execução, a técnica e a composição da série realizada pelo ginasta. Caso o ginasta não realize o mínimo de 7 elementos, há uma dedução na nota de execução.

A ginástica mantém a magia da nota máxima através do dez de execução que pode ser “premiado” ao ginasta que alcançar a perfeição, significando que ele não possui nenhuma falha (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA, 2007b). Outra mudança

importante que interfere na nota de execução foi o aumento de 0,5 para 0,8 pontos no valor da queda, buscando diminuir a realização de elementos ainda sem domínio completo.

O júri A ficou responsável pela nota de dificuldade que passou a considerar: o valor dos 9 elementos de maior dificuldade executados pelo ginasta mais o elemento executado na saída do aparelho; as bonificações de ligações; e os valores dados pelo cumprimento dos grupos de exigência.

Cada grupo de exigência passou a valer 0,5 pontos sendo necessários cumprir 5 grupos em cada aparelho, com exceção da prova de salto, o que gera um total de 2,5 pontos.

O atleta também ficou proibido de repetir mais de 4 vezes elementos que estejam num mesmo grupo de exigência. A regra de repetição de elementos iguais ou do mesmo quadrante proposta no ciclo anterior continua em vigor e as bonificações passam a ser consideradas apenas no solo, argolas e barra fixa.

A nota fornecida pela banca A mais a média das notas intermediárias dos árbitros da banca B formam a pontuação final do ginasta (Tabela 2).

**Tabela 2** - Composição da nota do ginasta Diego Hypólito (Brasil) na final dos exercícios de solo nos Jogos Olímpicos de 2008 na China.

Jogos Olímpicos 2008 Final Exercícios de Solo		Nota Banca A	B1	B2	B3	B4	B5	B6	Nota Banca B	Nota Final
DIEGO HYPOLITO	BRA	6.70	<del>8.40</del>	8.50	8.40	8.50	<del>8.80</del>	8.60	8.50	15.200

Fonte: [www.gymnasticsresults.com](http://www.gymnasticsresults.com)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo, observamos como o CP passou, ao longo dos anos, por uma série de mudanças que buscaram acompanhar o desenvolvimento deste esporte. Normile (1997) diz que a Federação Internacional de Ginástica é desafiada, a cada quatro anos, com a árdua tarefa de quantificar (objetivar) um esporte subjetivo que não pára de crescer.

Segundo Cogan e Vidmar (2000), poucas modalidades esportivas associam poder e graça, força e beleza, velocidade e precisão, audácia e flexibilidade como a GA. Manter essa relação de esporte e arte tem sido um dos grandes desafios da Federação Internacional de Ginástica, além de ser um norteador das mudanças do CP.

Na opinião de Bortoleto (2000), a GA possui uma característica estética inerente e significativa que lhe garantiu em grande parte o sucesso adquirido ao longo dos tempos. Atualmente, a GA vem sendo direcionada para os valores objetivos e isso é fortemente evidenciado quando o CP passa a valorizar a dificuldade em detrimento do fator artístico. Assim, a modalidade se tornou dependente da dificuldade buscando uma avaliação mais objetiva que é uma característica típica do esporte moderno.

Quando falamos do fator artístico, estamos nos referindo ao virtuosismo que, segundo a Federação Internacional de Ginástica (1977), seria quando o ginasta mostra elegância particular na execução, leveza no

desenvolvimento dos movimentos e maestria na dificuldade e no risco. Também referimo-nos à originalidade que, de acordo com a Federação Internacional de Ginástica (1979), seria quando o ginasta executa novas formas de movimento, de partes ou ligações de exercícios que, como tais, são novas e se destacam nos quadros do que é conhecido, tradicional ou clássico nas séries.

Esse dois fatores, virtuosismo e originalidade, por não serem mais valorizados no CP foram marginalizados.

Por outro lado, a eliminação de vários elementos do CP ao longo dos anos pode ser um dos fatores responsáveis pela falta de criatividade dos ginastas. Talvez, se a FIG valorizasse esses exercícios pouco utilizados ao invés de eliminá-los do CP, a ginástica atual estaria mais criativa e diversificada. O que podemos ver na atualidade é a repetição dos mesmos exercícios pela grande maioria dos ginastas o que torna o esporte menos interessante para o público. Bortoleto (2000) relata que essa repetição de elementos pelos ginastas retoma, de forma parcial, o aspecto monótono das extintas competições obrigatórias e conseqüentemente desfoca o sentido das séries livres.

Isso tudo é direcionado pelo CP. Apesar de criar regras que buscaram deixar as séries dos ginastas mais variadas, como a regra de repetição, o CP também criou exercícios “obrigatórios” ao valorizar, privilegiar determinados elementos. A consequência disso é a perda da originalidade dos ginastas que não buscam ser criativos, tendo como prioridade apenas atender as regras de forma eficiente.

Outra característica a ser destacada é que hoje os ginastas não objetivam mais a perfeição (a nota 10) e sim os recordes. A Federação Internacional de Ginástica valoriza o ginasta que possui a maior nota de partida, ao contrário de um passado não muito distante, quando o dez era o símbolo da maestria do ginasta. Há pouca repercussão sobre o ginasta que possui a maior nota do painel B que seria a nota de execução, da perfeição técnica.

Apesar do CP direcionar a modalidade para esse caminho supracitado, parece-nos que ele conseguiu equilibrar o julgamento tornando-o menos subjetivo e conseqüentemente mais justo e objetivo. A sistematização e classificação das

falhas em meados da década de 80 foi o primeiro passo nesse sentido. Contudo, várias arestas ainda precisam ser aparadas.

O fim da nota dez, mesmo gerando polêmica, foi um fato que tornou o esporte mais justo. Com o “código aberto” o ginasta que executa elementos de dificuldade com boa execução é mais valorizado do que nos ciclos anteriores. No passado, era comum ver ginastas executando elementos de alto grau de dificuldade com boa execução que perdiam a disputa para ginastas com séries conservadoras, com menos risco, que apenas cumpriam com as exigências gerando insatisfação no público. Dez minutos de vaia para a nota de Aleksei Nemov durante a final de barra fixa nos JO de Atenas exemplificam a insatisfação do público ao ver que a série de maior risco e com boa execução não recebeu a nota que merecia (AMOUR, 2004).

Também foi observado que algumas mudanças foram influenciadas pela mídia (especialmente a TV) como o fim dos exercícios obrigatórios (NUNOMURA; NISTA-PICCOLO; PUBLIO, 1999). Neste caso buscava-se uma competição mais dinâmica, variada, atrativa e rápida conforme os parâmetros da mídia atual. Isso mostra que a GA busca cada vez mais a exposição na mídia para a popularização cada vez maior da modalidade da mesma forma que outros esportes, como o voleibol, que também alterou suas regras tornando-se mais dinâmico e adequado para a transmissão televisiva.

A segurança dos ginastas também foi um requisito para determinadas alterações no CP. Podemos citar como exemplos a obrigatoriedade do uso do “colar de proteção” ao redor do trampolim para saltos do grupo cinco, quando a entrada é realizada de costas para a mesa de salto que entrou em vigor no ciclo 2001-2004. Também a proibição ou limitação de determinados exercícios que prejudicavam a saúde dos ginastas, como a limitação do número de elementos executados com um braço na barra fixa.

Como podemos observar, o CP vem buscando manter-se atualizado com o crescente desenvolvimento da modalidade sempre tentando atender as demandas geradas pelo público, mídia, ginastas e treinadores com o objetivo principal de servir de fundamento para

o treinamento, julgamento e a conseqüente evolução da GA.

A cada novo ciclo, todos os envolvidos com a GA são desafiados a se adaptar. Mesmo fundamentada na tradição, a GA busca atender as demandas inerentes da modernidade com relação às novas técnicas, exercícios e aparelhos tentando manter a eficiência competitiva através

das mudanças nas regras que a delineiam, demonstrando que a GA pode ser considerada uma prática esportiva em constante evolução. Desta forma, frequentemente teremos que debruçar nossos esforços, afim de compreender a dinâmica do CP e das suas conseqüências no cotidiano da modalidade.

---

## MEN'S ARTISTIC GYMNASTICS CODE OF POINTS THROUGHOUT THE YEARS

### ABSTRACT

The rules complexity and the evaluation process of Artistic Gymnastics (AG) demands a profound knowledge of the Code of Points (CP) by the judges, coaches and gymnasts with the objective of obtaining coherent interpretations of it. The changes that occur in the CP make this sport face a restructuration, seeking adaptation and new forms to maintain its competitive efficiency. This study provides an analysis of the main changes in Men's Artistic Gymnastics (MAG) Code of Points throughout the years showing how the International Gymnastics Federation (FIG) tries to provide to the judges, coaches and gymnasts a document that may guide then to the development of competitions, to the preparation of gymnasts and for the construction of the exercises in order to fulfill the esthetical and technical expectations of each period. This study was a bibliographic research where the main source of data was the editions of the MAG's CP. The CP is a historical and official document developed by FIG. We have concluded that even a traditional sport such AG seeks to fulfill the demands inherent in the progress of this sport trying to maintain competitive efficiency through changes in the rules showing that AG can be considered a sports in constant evolution.

**Keywords:** Men's Artistic Gymnastics; Code of Points; Rules' dynamics.

---

### REFERÊNCIAS

ARMOUR, N. **A perfect 16? Doesn't have same ring as that 10.** 2004. Disponível em:

<[http://www.usatoday.com/sports/olympics/2008-08-06-3809130106\\_x.htm](http://www.usatoday.com/sports/olympics/2008-08-06-3809130106_x.htm)>. Acesso em: 6 mar. 2009.

BARBANTI, V. J. **Dicionário de educação física e esporte.** 2. ed. Barueri: Manole, 2005.

BORTOLETO, M. A. C. **La lógica interna de la gimnasia artística masculina (GAM) y estudio etnográfico de un gimnasio de alto rendimiento.** 2004. 667 f. Tese (Doutorado)- Instituto Nacional de Educação Física da Catalunha, Universidade de Lleida Catalunha, 2004.

BORTOLETO, M. A. C. **O caráter objetivo e subjetivo da ginástica artística.** 2000. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

CAGIGAL, J. M. **José Maria Cagigal: obras selectas.** Madrid: Comité Olímpico Español, 1996.

COGAN, K. D.; VIDMAR, P. **Gymnastics.** Morgantown: Fitness Information Technology, 2000.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINASTICA. **Código de pontuação masculino.** Moutier, 1964.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINASTICA. **Código de pontuação masculino.** Zurique: Neue Zürcher Zeitung, 1968.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINASTICA. **Código de pontuação masculino.** Brasília, DF: Gráfica Alvorada, 1977.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINASTICA. **Código de pontuação masculino.** Brasília, DF: Gráfica Alvorada, 1979.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINASTICA. **Código de pontuação masculino.** Moutier, 1993.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINASTICA. **Código de pontuação masculino.** Moutier, 1997.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINASTICA. **Código de pontuação masculino.** Moutier, 2001.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINASTICA. **Código de pontuação masculino.** Moutier, 2007a.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINASTICA. **Código de pontuação masculino.** Moutier, 2009.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINASTICA. **Zurich summit review.** Disponível em: <[http://www2.usa-gymnastics.org/publications/technique/2005/4/fig\\_update05.pdf](http://www2.usa-gymnastics.org/publications/technique/2005/4/fig_update05.pdf)>. Acesso em: 2 mar. 2007b.

FINK, H. Establishing a vision for a ideal code of points. **The Australian Gymnast**, Melbourne, no. 21, p. 22-25, June 1993.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como um elemento da cultura.** São Paulo: Perspectiva, 1980.

MACUR, J. **A 10 isn't necessarily perfect in new scoring system for gymnastics.** 2008. Disponível em: <[http://www.nytimes.com/2008/08/06/sports/olympics/06scoring.html?pagewanted=1&\\_r=1](http://www.nytimes.com/2008/08/06/sports/olympics/06scoring.html?pagewanted=1&_r=1)>. Acesso em: 6 mar. 2009.

MALONEY, S. Stretching out: Code Catastrophe! In: GYM Media International. Disponível em: <[http://www.gymmedia.com/FORUM/agforum/05\\_Maloney\\_e.htm](http://www.gymmedia.com/FORUM/agforum/05_Maloney_e.htm)>. Acesso em: 25 out. 2007.

NORMILE, D. Cartwheeling around the code of points. **International Gymnast**, [S. l.], no. 2, p. 36-37, Feb.1997.

Nunomura, M.; Nista-Piccolo, V. L.; PUBLIO, N. S. **Uma reflexão sobre o código de pontuação da ginástica olímpica**, In: Revista brasileira de ciências do esporte, n. 20, p. 148-153. set. 1999.

OLIVEIRA, M. S. **A Evolução da Ginástica Artística Masculina nos Últimos 20 anos (1987-2007)**. 2008. 130f. Trabalho de Iniciação Científica - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

PARLEBAS, P. **Juegos, deporte y sociedad. Léxico de praxiología motriz**. Barcelona: Paidotribo, 2001.

POWELL, D. **New system marks end of the holy grail for gymnasts**. 2006. Disponível em: <http://www.timesonline.co.uk/tol/sport/article741559.ece> Acesso em: 06 mar. 2009.

ROETZHEIM, B. **The code of points through 2000**. In: United States Gymnastics Federation Congress, USA, p. 59-61, 1991.

ROMANO, T. **Beijing beat: why gymnastics' new scoring system is less than perfect**. 2008. Disponível em: <http://www.popandpolitics.com/2008/08/11/beijing-beat-why-gymnastics-new-scoring-system-is-less-than-perfect/> Acesso em: 6 mar. 2009.

SMOLEUSKIY, V.; GAVERDOUSKIY, I. **Tratado general de gimnasia deportiva**. Barcelona: Paidotribo, 1997.

SWEENEY, J. M. **Ginástica olímpica**. São Paulo: Difel, 1975.

Recebido em 27/11/2008

Revisado em 12/03/2009

Aceito em 30/03/2009

---

**Endereço para correspondência:** Mauricio dos Santos de Oliveira. Rua Carolina C. R. de Oliveira, 305, Jardim Rosolem, CEP 13185-302, Hortolândia-SP. E-mail: mauricio\_olliveira@yahoo.com.br